

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

# Lua de mel em Kobane



Copyright © 2017 by Patrícia Campos Mello

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e caderno de fotos*

Claudia Espínola de Carvalho

*Fotos de capa*

Fábio Braga/ Folhapress

*Preparação*

Joaquim Toledo Jr.

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Isabel Cury

Carmen T. S. Costa

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mello, Patrícia Campos

Lua de mel em Kobane / Patrícia Campos Mello. —  
1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-3018-4

1. Guerra civil 2. Kobane (Síria) 3. Refugiados – Kobane  
– Síria 4. Relatos 5. Sobreviventes – Kobane – Síria – História  
1. Título.

---

17-09223

CDD-956.9054

Índice para catálogo sistemático:

1. Kobane : Síria : Guerra civil : Relatos 956.9054

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

*Para minha mãe, Regina, meu filho, Manuel, e  
meu pai, Hélio — minha razão de viver*

*Para Raushan e Barzan, os donos desta história*

# Sumário

“Não é exatamente a lua de mel que eu sonhava” .....	9
Euforia de primavera .....	15
A foto que me levou à Síria.....	26
Barzan e Raushan.....	38
Os curdos.....	49
Um país para um povo .....	62
Estou começando a me apaixonar.....	67
A eclosão do Estado Islâmico .....	78
Vida no cerco.....	98
Junho de 2015.....	121
Esperança feminista .....	131
Alan Kurdi .....	138
Reencontro .....	147
Epílogo.....	152
<i>Notas .....</i>	157
<i>Glossário.....</i>	161

<i>Cronologia</i> .....	173
<i>Créditos das imagens</i> .....	183
<i>Índice remissivo</i> .....	185

# “Não é exatamente a lua de mel que eu sonhava”

O motorista pediu ajuda para colocar os cadáveres no carro. Eram sete sacos azuis. “Rápido, rápido”, dizia. “Não quero ficar aqui muito tempo.” Ao longe, era possível escutar as explosões de morteiros.

Ele não estava no melhor dos humores. Tinha vindo de Suruç, no sudoeste da Turquia, buscar corpos de soldados sírios mortos pelos extremistas do Estado Islâmico (EI) em Kobane, na Síria. Enterrá-los em solo turco era mais seguro.

Raushan nunca tinha encostado em um cadáver. Ela ajudou Barzan a levantar um saco. Era pesado, mas não tinha cheiro nem nada que lembrasse a morte. Foi estranho.

Raushan e Barzan tinham pegado carona no carro funerário. Naquele momento, só ambulâncias e rabecões ousavam chegar perto da fronteira da Síria. Ela se espremeu com o marido no banco do passageiro do carro preto. Ficou encolhida, fazia muito frio. Barzan ia papeando com o motorista. Era incrível como ele fazia amizade com qualquer pessoa, nas circunstâncias mais bizarras.

Raushan usava um casaco cinza-claro acolchoado e calça jeans. Magra, cabelos pretos e de pele muito branca, tinha olheiras profundas em torno dos olhos esverdeados. Fumava cigarros Gauloises fininhos, um atrás do outro. Sua beleza frágil contrastava com a personalidade decidida que levou Barzan a apelidá-la de “minha ditadora”. Conheceram-se pela internet, e haviam se casado poucos dias antes na Turquia.

No posto de controle de fronteira, Raushan foi apresentada a seu cunhado. “Você é a maluca que se casou com Barzan e que vai com ele para Kobane?”, perguntou Öcalan, com um sorriso um pouco tenso. Öcalan era um dos comandantes locais da YPG (na pronúncia curda, *iá-pê-guê*), as Unidades de Proteção Popular que combatiam o EI no Curdistão sírio.

Ao redor do posto de controle, sentadas no chão em meio a malas e sacos repletos de roupas e objetos pessoais, vacas e ovelhas, centenas de crianças, adultos e idosos esperavam uma chance de entrar na Turquia, resignados à perspectiva de morar em um dos campos de refugiados superlotados. Mais de 90% dos moradores da região de Kobane haviam fugido desde o início do avanço do EI. O governo turco abria a fronteira a conta-gotas, temendo ver seu território inundado de refugiados.

Os militantes do EI haviam ocupado a parte leste de Kobane. De dia, era possível ver da fronteira as colunas de fumaça das muitas bombas do EI. No topo de um prédio de quatro andares, o EI tinha plantado sua bandeira negra. “Não há outro deus além de Alá; Maomé é o mensageiro de Deus”, dizia a inscrição. Outra bandeira tremulava ameaçadora no monte Mistanour.

Nas cidades conquistadas no percurso até Kobane, os extremistas haviam deixado seu habitual rastro de atrocidades. Öcalan calculava que pelo menos dezessete civis haviam sido executados nos últimos dias, entre eles dois meninos. Normalmente eram mortos com tiros na nuca, mas quatro haviam sido decapitados.

Um dos refugiados contou que combatentes do EI espetaram cabeças humanas em uma cerca em sua cidade. Staffan de Mistura, o enviado especial da ONU para a Síria, alertara para a iminência de uma carnificina em Kobane. “Civis que continuam encerrados dentro de Kobane serão massacrados se a comunidade internacional deixar a cidade sucumbir ao EI.” Segundo ele, outras 12 mil pessoas estavam ameaçadas. “Existe lei humanitária. Existe Srebrenica”, disse, invocando o massacre de mais de 8 mil bósnios muçulmanos durante a guerra civil iugoslava, em 1995. “Existem imagens que não queremos e não podemos ver, de pessoas decapitadas, de defensores e civis.”<sup>1</sup>

Öcalan abraçou Barzan e o beijou na bochecha, como fazem os homens sírios quando reencontram alguém querido. Os dois irmãos não se viam fazia meses, desde que Barzan partira para a Turquia. “Não é seguro. A situação está muito complicada”, falou. Barzan assentiu e se limitou a dizer: “Eu sei. Mas você sabe que eu tinha que vir”.

Öcalan ficou sério e passou as instruções ao casal. “Daqui para a frente nós vamos andar o mais rápido possível, direto para a base da YPG. Não se esqueçam que está cheio de franco-atiradores do Daesh”, disse Öcalan, usando a abreviação em árabe para o EI.

Os três olharam para a frente, analisando a situação. Eram onze horas do dia 17 de outubro de 2014, uma noite sem lua e sem estrelas. A escuridão era total. A única coisa que dava para enxergar eram aqueles tracinhos vermelhos que as balas deixam no ar. Barzan ficou chocado ao ver sua cidade mergulhada no breu. Tomaram fôlego e começaram a correr. Raushan levava uma mochila com três mudas de roupa. Barzan levava outra mochila, os laptops e as câmeras. O plano era voltar para a Turquia em uma ou duas semanas, quando tudo se acalmasse, para buscar o resto das coisas. Então levariam tudo para a casa em Kobane em que iam morar.

Raushan só ouvia sua respiração ofegante. De vez em quando escutava alguma coisa explodir em algum lugar. Ainda não sabia identificar as armas pelo barulho. Ia tropeçando nos buracos e nos destroços que as explosões de morteiros haviam deixado, rezando para não enfiar o pé em uma mina terrestre. Naquela escuridão total, a caminhada parecia interminável.

“Merda! O que eu estou fazendo aqui?”, pensava a cada passo. Menos de três meses antes, Raushan vivia refugiada na Rússia, dividindo um apartamento minúsculo com a sua avó. Mas desde que conhecera Barzan sua vida virara de ponta-cabeça.

Os soldados da YPG os acompanhavam. Ninguém falava a não ser por sussurros; celulares e lanternas estavam desligados. Era muito arriscado. O salto de madeira do sapato de Raushan fazia “tac-tac-tac” em meio ao silêncio. “Que ideia, calçar esses sapatos justamente hoje... são de salto alto?”, brincou Barzan. “Salto alto? Óbvio que não, Barzan.” “Esses sapatos barulhentos vão nos transformar em alvo fácil”, disse Öcalan. “Você precisa de sapatos novos.”

Dizer que Barzan e Raushan estavam no contrafluxo é um eufemismo. Mais de 150 mil pessoas haviam fugido da região de Kobane desde 15 de setembro de 2014, quando os combatentes do EI começaram a cercar as cidades próximas. O último jornalista estrangeiro deixou a região no dia 4 de outubro. Ficaram apenas soldados e uns poucos civis renitentes que se recusaram a deixar tudo para fugir para os campos de refugiados na Turquia. E chegavam alguns curdos que vinham ajudar na resistência.

Aquela noite era particularmente perigosa. Militantes do EI tinham se infiltrado na parte de Kobane que ainda estava sob controle curdo. Os comandantes decretaram toque de recolher.

“Onde é o front?”, perguntou Barzan para Öcalan, enquanto os três andavam rápido em direção à base.

“Logo depois deste buraco.”

Estavam a poucos metros do front, embora fosse um conceito elástico nessa guerra em que homens-bomba surgiam do nada e em qualquer lugar. Parecia um filme de terror. “Você fica esperando um zumbi emergir da escuridão a qualquer momento para te matar”, pensou Barzan. Sabia que havia franco-atiradores do EI escondidos nas casas e no topo dos prédios, e que podiam estar sob a mira deles naquele exato momento. Mas também tinha medo de serem confundidos com o inimigo e de virar alvo do fogo amigo da YPG.

Entraram em uma rua e foram tateando as casas, esgueirando-se colados às paredes. Öcalan bateu levemente em uma porta. “Heval!”, sussurrou, usando a expressão em curdo para “camarada”.

A base da YPG era um apartamento com oito soldados curdos. Um gerador a diesel no porão do edifício lhes fornecia energia e luz. As janelas estavam forradas com cobertores para que não passasse nenhuma claridade que poderia chamar a atenção dos extremistas. A sala estava repleta de armas: fuzis AK-47, metralhadoras de alto calibre DShK, lançadores de granadas e morteiros.

Os soldados estavam sentados no chão, tomando chá e fumando cigarro. Lá fora, ouviam-se tiros e explosões. Raushan sentou no que lhe pareceu ser um banquinho — só depois percebeu que era um baú cheio de explosivos. Um dos soldados era casado com uma prima de Barzan, outro era seu amigo. Todos se conheciam de uma forma ou de outra — a família de Barzan vivia em Kobane havia gerações.

Bahoz Horan, parente distante de Barzan, discutia com os outros uma maneira de resgatar o corpo de seu pai, morto por um franco-atirador do EI havia quase um mês. Ele tombara ao lado do filho mas, no fogo cruzado, Bahoz não conseguiu arrastar seu pai consigo. O corpo permanecia no mesmo lugar.

Raushan notou um buraco na parede da sala, que dava para

a casa contígua. Era uma das passagens secretas de Kobane. Para se movimentarem com segurança pela cidade, sem ter que se expor nas ruas, os soldados haviam escavado buracos nas paredes de diversos apartamentos e casas.

Passando pelo buraco, Raushan e Barzan entraram no apartamento onde iriam morar dali em diante. Ficaram com o quarto maior. Öcalan se acomodou no quarto ao lado. Os dois quartos que davam para a rua, com varanda, ficaram vazios. Eram vulneráveis, haviam sido atingidos pelo EI diversas vezes. No último quarto, armazenaram objetos do antigo dono do apartamento.

Barzan, Raushan e todos os outros “habitantes” da Kobane sitiada acampavam em apartamentos que os moradores haviam abandonado, com todos os seus pertences.

“Não é exatamente a lua de mel que eu sonhava, mas tudo bem”, brincou Raushan.

Pouco depois, ela ganhou sapatos novos do “centro de logística” dos soldados curdos: botas de caminhada com solas de borracha, silenciosas. “Nosso presente para você”, disse Öcalan. Raushan calçava 38. As botas eram tamanho 40. Raushan não imaginava que passaria meses com sapatos grandes demais para os seus pés. E que Kobane ficaria tanto tempo sob cerco.

# Euforia de primavera

A revolução na Síria começou em 2011 com multidões de homens, mulheres e crianças confiantes que iriam derrubar o ditador Bashar al-Assad e refundar o país. A Primavera Árabe enchia todos de otimismo: os tiranos do Oriente Médio e do norte da África caíam, um a um.

Tudo começou na Tunísia, quando Mohamed Bouazizi, um vendedor ambulante de 26 anos, ateou fogo ao próprio corpo na cidade de Sidi Bouzid, na região central do país. Bouazizi tinha um carrinho de frutas e verduras com o qual sustentava sua mãe viúva e mais seis irmãos. No dia 17 de dezembro de 2010, Bouazizi foi, como de hábito, achacado por funcionários do governo. Exigiam que pagasse propina, porque ele não tinha licença para trabalhar.

Num círculo kafkiano, Bouazizi não conseguia licença para trabalhar porque não tinha dinheiro para pagar a propina necessária para obtê-la. Era assim em quase todos os serviços públicos na Tunísia e em muitos países da região. “Multas de trânsito po-

dem ser ignoradas, a emissão de passaportes pode ser acelerada e a alfândega pode ser evitada, desde que se pague o preço certo”, relatou o então embaixador americano em Túnis, Robert Godec, em telegrama secreto de 2008 vazado pelo WikiLeaks. Casar, trabalhar, ir ao hospital ou matricular seu filho em uma boa escola também pressupunha subornar alguém.

Naquele dia, Bouazizi se recusou a subornar os inspetores, que apreenderam suas mercadorias. Quando tentaram confiscar sua balança, resistiu e foi espancado. Depois de perder tudo, Bouazizi postou-se em frente ao portão principal do conselho regional da cidade. Encharcou-se de gasolina e acendeu um fósforo. Morreu em um hospital três semanas depois, com queimaduras em 90% do corpo.<sup>2</sup>

A autoimolação de Bouazizi desencadeou uma série de protestos que culminaram na queda, em janeiro de 2011, do ditador Zine el-Abedin ben Ali. Ben Ali assumira o poder em 1987 por meio de um golpe de Estado, após uma junta médica declarar o então presidente vitalício Habib Bourguiba senil e incapaz de exercer suas funções. Bourguiba assumiu o poder em 1956, em 1975 foi declarado presidente vitalício e governou durante 31 anos. Apesar de aprovar leis que beneficiaram as mulheres, como o direito ao divórcio, ele encarcerava opositores, costumava cuspir em público nos ministros que lhe desagradavam. Tinha seus momentos bizarros: chegou a dizer em cadeia nacional que possuía só um testículo.

Ben Ali, sua mulher Leila ben Ali, sua filha Nesrine ben Ali El Materi e seu genro Mohammed Sakher El Materi eram chamados de “A família”, em uma alusão à máfia. Odiados pela população, estavam envolvidos em escândalos de desvio de verbas em bancos e empresas. Em um telegrama de julho de 2009, o embaixador americano Robert Godec descreve um jantar que teve com Mohammed Sakher El Materi e com sua mulher, a filha do dita-

dor. O cenário foi a enorme mansão de El Materi, perto de Túnis. “Depois do jantar, ele serviu sorvete e frozen yogurt que trouxe de avião de Saint-Tropez”, relatou no telegrama diplomático. El Materi tinha em casa um tigre chamado Pasha, que vivia dentro de uma jaula e era alimentado com quatro frangos por dia. O execrado Ben Ali deixou o país e se exilou — junto com sua es-palhafatosa mulher e uma fortuna subtraída dos cofres públicos — na Arábia Saudita.

Inspirados nos eventos na Tunísia, os egípcios começaram a protestar no dia 25 de janeiro de 2011 contra a corrupção, a situação econômica e contra a ditadura de Hosni Mubarak. Em manifestações convocadas pelo Twitter, milhares de pessoas to-maram as ruas no Cairo e em outras cidades pedindo a saída de Mubarak. A reação da polícia foi violenta: pelo menos 846 pes-soas morreram e 6 mil ficaram feridas. A praça Tahrir, no Cai-ro, transformou-se em cenário de guerra. A repressão policial provocou ainda mais protestos pelo país. A situação política de Mubarak ficou insustentável. No dia 11 de fevereiro, o presidente egípcio, que havia governado o país por trinta anos, renunciou e uma junta militar assumiu o poder.

O roteiro foi o mesmo na Líbia, onde os protestos contra o regime ditatorial de Muammar Gaddafi começaram em 15 de fevereiro. A Otan interveio no fim de março, com bombardeios que supostamente deveriam proteger os civis, mas cujo objetivo real era derrubar o ditador líbio. Gaddafi, que ficou 42 anos no poder e era famoso por ser viciado em sexo e sequestrar estu-dantes de escolas públicas para integrar seu harém pessoal, teve um fim brutal. Escondido na tubulação de esgoto em sua cidade natal, Sirte, ele foi executado por rebeldes no dia 20 de outubro de 2011.<sup>3</sup> Antes de morrer foi sodomizado com uma baioneta.<sup>4</sup>

Na Síria, o ditador Bashar al-Assad se mostraria mais resis-tente. A família Assad governa o país desde 1971, quando o então

ministro da Defesa Hafez al-Assad, pai de Bashar e figura proeminente do partido político pan-arabista Baath, por meio de um golpe militar assumiu a presidência, cargo que exerceu até a sua morte, em 2000. Único candidato a concorrer à eleição presidencial naquele mesmo ano, Bashar foi eleito com 99,7% dos votos. A piada corrente era que nem Alá teria tantos votos.

O Baath emergiu como força dominante na Síria a partir de 1963, interrompendo a sucessão de golpes de Estado que se seguiram à independência do domínio francês em 1946.<sup>5</sup> Tinha como proposta colocar-se acima das diferenças religiosas e étnicas que conviviam (mal) no país. A maioria da população (75%) é muçulmana sunita. Cerca de 10% é alauita, uma vertente do islã mais próxima do xiismo, majoritários no Irã. Além de sunitas e alauitas, há pequenas comunidades de cristãos, drusos e outras minorias religiosas. Os alauitas se concentravam na costa do país, na região de Latakia. Os curdos, que são muçulmanos sunitas, estavam principalmente no norte. A maioria dos drusos habitava o sul da Síria, e os cristãos a cidade de Idlib, no noroeste do país. As cidades de Hama e Homs eram o principal reduto de muçulmanos sunitas, mas eles se espalhavam por grande parte do território. Mesmo dentro das grandes cidades, cada grupo étnico religioso vivia segregado em guetos.

Durante o protetorado francês na Síria, nos anos 1920, os franceses fortaleceram o poder político dos alauitas como forma de neutralizar a maioria sunita, abertamente hostil aos colonizadores. Criaram um Estado alauita autônomo, incentivaram seu ingresso nas Forças Armadas e cobravam deles impostos mais baixos do que da maioria sunita, duramente reprimida pelas forças colonialistas. Em 1928, a diplomata britânica Freya Stark descreveu a tensão religiosa que caracterizava a Síria sob dominação francesa: “Eu não encontrei nem uma fagulha de sentimento de nação; aqui está tudo ligado a seitas, ódios e religiões”.<sup>6</sup>

O Estado alauita durou pouco, mas os alauitas continuaram dominando nas Forças Armadas sírias. Após a independência, muitos se filiaram ao Baath. Os militares ampliaram sua influência dentro do partido e, a partir de 1963, ajudaram o Baath a assumir o poder na Síria por meio de um golpe de Estado.

O alauita Hafez al-Assad era ministro da Defesa quando se tornou presidente através de um golpe militar em 13 de novembro de 1970. Desde então, uma elite alauita domina o país, ocupando todos os principais postos de comando, sob oposição da maioria sunita. Hafez reprimia com mão de ferro a maioria sunita, principalmente os membros da Irmandade Muçulmana, grupo político e religioso presente em vários países, que foi proscrito na Síria após o Baath assumir o poder.

Mesmo banida, a Irmandade Muçulmana fazia uma oposição cada vez mais vigorosa contra o que via como um governo antirreligioso. Em junho de 1980, integrantes da Irmandade Muçulmana tentaram assassinar Hafez jogando granadas no líder sírio enquanto ele esperava por um diplomata africano na frente de um prédio do governo, em Damasco. Hafez chutou para longe uma das granadas e um guarda-costas pulou em cima da outra e morreu.<sup>7</sup> Em retaliação, uma unidade militar controlada pelo irmão de Hafez massacrou pelo menos 250 líderes religiosos sunitas dentro de uma prisão na cidade de Palmira. Dez dias depois, o presidente sírio aprovou uma lei que previa pena de morte para os membros do grupo.

Em 1982, a Irmandade Muçulmana se levantou contra o governo de Hafez al-Assad em Hama. Integrantes do grupo mataram funcionários do Baath e começaram a exortar sunitas de outras cidades a derrubar o governo. O exército de Assad cercou Hama por quase um mês, destruiu a cidade e matou mais de 10 mil pessoas. Foi um dos maiores ataques de um governo contra o seu próprio povo.

Poucos anos antes, um outro ditador secular se viu forçado a fugir do país, acossado por uma oposição religiosa. A Revolução Islâmica no Irã, em 1979, derrubou o xá Reza Pahlavi, déspota corrupto que governou o país por 38 anos. Pahlavi era financiado pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido, que almejavam preservar seus interesses na exploração petrolífera no país.

A revolução iraniana se tornou um fantasma para os líderes do Ocidente, que queriam evitar a qualquer custo a tomada do mesmo caminho por outros países da região. Havia o preconceito de que os povos islâmicos não estariam preparados para a democracia, que, se não tivessem ditadores, teriam líderes islâmicos hostis aos Estados Unidos e à Europa. Predominava a visão orientalista de que os países árabes precisavam reformar suas instituições e de que eram incapazes de se autogovernar. Potências como os Estados Unidos e a França acreditavam que ditadores como os Assad ainda eram preferíveis aos fanáticos que fatalmente assumiriam caso os tiranos fossem derrubados; por isso fechavam os olhos para suas atrocidades.

É como teria dito certa vez o secretário de Estado americano Cordell Hull ao presidente Franklin Delano Roosevelt, sobre Anastasio Somoza, ditador sanguinário na Nicarágua que era anticomunista e aliado dos Estados Unidos durante a Guerra Fria. “É um filho da puta, mas é o nosso filho da puta.”<sup>8</sup>

Bashar não era o herdeiro original do “trono” na Síria. Seu irmão mais velho, Basil, foi criado para suceder ao pai. Por isso, Bashar mudou-se para Londres nos anos 1990 para estudar oftalmologia. Era conhecido como doutor Bashar, praticava windsurf e gostava de jogar vôlei. Mas seu irmão Basil morreu em um acidente de carro em 1994 e Bashar teve de voltar para a Síria.

Bashar assumiu o governo com um discurso que apontava para um líder moderno e democrático. “Vou fazer tudo o que posso para conduzir nosso país a um futuro que concretize os